

12 de junho

Nunca vi um verão assim. Um calor sufocante desde meados de maio. Uma pesada nuvem de vapor cobre, o dia inteiro, as ruas e as praças.

Só o crepúsculo reconforta um pouco o ânimo. Acabo de regressar do passeio vespertino que faço quase todos os dias, depois de visitar os meus doentes, que não são agora, no verão, demasiado numerosos. Uma brisa fresca e constante sopra de leste, a vaga de calor desprende-se do solo e desloca-se lentamente, transformando-se num grande véu de pano vermelho, que se afasta para oeste. Cessa o ruído dos solavancos das carroças; de quando em quando, ouve-se somente um fiacre ou a campainha de uma carruagem que passa nos seus trilhos. Percorro vagarosamente as ruas. Aqui e ali, encontro um conhecido, e por um momento paramos os dois à esquina a conversar. Mas porque será que tenho de encontrar, uma vez mais, o pastor Gregorius atravessando o meu caminho? Sempre que o vejo, torna-me à memória uma anedota que, um dia, ouvi contar acerca de Schopenhauer. Uma tarde, quando o austero filósofo estava sentado a um canto do seu café habitual, solitário como de costume, a porta abre-se e ele vê entrar um homem com um semblante desagradável. Schopenhauer observa-o de relance, contrai o rosto num esgar de susto e repulsa, levanta-se

e ataca à bengalada a cabeça do intruso. Devido, simplesmente, ao seu aspeto desagradável.

Ora, acontece que eu não sou Schopenhauer: quando vi, ainda de longe, ao atravessar a Ponte de Vasa, que o pastor caminhava direito a mim, detive-me bruscamente e, dando meia-volta, debrucei-me, com os cotovelos repousando no parapeito da ponte, a admirar a paisagem. As casas cinzentas da ilha de Helgeand. A decrépita construção gótica em madeira do velho estabelecimento de banhos, espelhada nas águas do canal, em cuja corrente mergulham as folhas dos velhos salgueiros. Esperava que o pároco não me tivesse visto e que não me reconhecesse pelas costas, e quase me esquecera dele, quando de súbito me dei conta da sua presença ao meu lado, repousando como eu os cotovelos no parapeito, e com a cabeça inclinada para o lado, exatamente na mesma atitude em que, na Igreja de Sankt Jacobs, ao lado da minha pobre mãe, no banco de família, eu vira pela primeira vez as suas feições odiosas assomando no púlpito como um fungo repugnante e ouvira sair da sua boca as palavras “*Abba, Pai*”. O mesmo rosto flácido e pardacento, as mesmas suíças de um louro sujo, talvez agora ligeiramente grisalhas, e o mesmo olhar, insondavelmente perverso, espreitando por detrás das lentes dos óculos. Impossível escapar-lhe: tornei-me seu médico, como de tantos outros, e ele procura-me, de quando em quando, para me falar das suas dores e maleitas.

— Seja bem-vindo, vigário, boa tarde. Como tem passado?

— Não muito bem, ou antes, nada bem. O meu coração não está bom, as pulsações são irregulares, e algumas vezes, à noite, é como se parasse.

“Ainda bem”, pensei para comigo. “Bem podes esticar o pernil, velho tratante, e desaparecer de vez da minha vista. Tanto mais que tens uma bela esposa, que provavelmente passas o tempo a atormentar, e, assim, quando morreres, ela poderá tornar a casar com um marido muito melhor do que tu.” Mas, em voz alta, disse:

— Bem, nesse caso, o melhor será que eu o examine um dia destes, para vermos o que se passa.

Mas havia muitas outras coisas de que ele queria falar-me também — coisas muito importantes: este calor que fazia não lhe parecia natural, era uma estupidez a construção daquele enorme edifício do parlamento numa ilha tão pequena, a saúde da mulher dele não era a melhor.

Por fim, acabou por desaparecer, e eu continuei o meu caminho. Entrei na Cidade Velha, por Storkyrkobrinken, e deambulei ao acaso pelas ruas estreitas. A atmosfera abafada do crepúsculo pesava sobre os pátios e entre as travessas, e moviam-se nas paredes sombras estranhas, sombras nunca vistas nas outras zonas residenciais da cidade.

A senhora Gregorius, sim! Estranha visita, a que me fez há dias. Apareceu no meu consultório. Vi que fora uma das primeiras pessoas a chegar, mas foi a última a consultar-me, deixando todas as outras pessoas passarem-lhe à frente. Quando chegou, por fim, a sua vez, corou e balbuciou confusamente. Acabou por se queixar vagamente de uma dor que sentia na garganta. Embora a verdade fosse que a dor quase passara.

— Volto cá amanhã — disse-me depois. — Agora estou cheia de pressa...

Mas, até ao momento, ainda não voltou.

Saí das velhas ruelas para passear por Skeppsbron. A Lua, sobre Skeppsholm, era de um amarelo-limão sobre o azul. Mas o encontro com o pastor varrera toda a serenidade e toda a paz do meu espírito. Ter de haver no mundo gente como ele! Quem não ouviu falar do velho problema, tantas vezes discutido por este ou aquele punhado de pobres diabos que se encontram à volta de uma mesa de café: se pudesses matar um mandarim chinês, sem que precisasses de mais do que premir um botão, ou por meio de um simples ato de vontade, para te tornares assim herdeiro das suas riquezas, estarias disposto a fazê-lo? Eis uma pergunta a que nunca me esforcei por responder, talvez por nunca ter conhecido, na sua dureza

e amargura verdadeiras, a aflição da pobreza. Mas tenho a impressão de que, se pudesse matar o vigário, premindo simplesmente um botão na parede, não deixaria de o fazer.

Ao voltar para casa, na penumbra insólita e pálida da noite, o calor parecia-me continuar tão sufocante como em pleno dia e saturado de angústia, e as nuvens de vapor vermelhas, que se acumulavam entre as chaminés das fábricas de Kungsholmen, davam a impressão de desastres adormecidos. Já perto de casa, passei lentamente diante da fachada da Igreja de Santa Clara, com o chapéu na mão e o suor a banhar-me a fronte. Nem sequer sob as árvores altas do cemitério parecia fazer fresco, mas em quase todos os bancos públicos havia pares que sussurravam, e alguns deles, com os olhos embriagados, trocavam beijos e misturavam os joelhos.

Estou agora junto à janela aberta a escrever estas coisas. Para quem? Não para um amigo ou uma amante. E quase nem para mim, sequer. Não leio hoje o que escrevi ontem, nem lerei amanhã o que estou a escrever hoje. Escrevo simplesmente para mover a mão, porque o pensamento, esse, move-se por sua própria iniciativa. Escrevo para matar uma hora de insónia. Porque não consigo dormir? Afinal de contas, não cometi qualquer crime.

Não é uma confissão o que escrevo nestas páginas. A quem me confessaria? Também não digo toda a verdade acerca de mim mesmo. Mas não digo nada que não seja verdade, embora contando somente o que me agrada contar. Não quero aumentar com mentiras a miséria da minha alma, se é de miséria que se trata.

Lá fora, a imensa noite azul paira sobre as árvores do cemitério. A cidade está agora silenciosa, tão silenciosa que os suspiros e os murmúrios trocados lá em baixo sobem até à minha janela. E, por vezes, um riso despuorado rasga a es-

curidão. Neste momento, tenho a impressão de que mais ninguém no mundo está tão só como eu. Eu, Tyko Gabriel Glas, médico diplomado, que, algumas vezes, ajudo os outros, mas nunca pude ajudar-me a mim mesmo, e que, com trinta anos feitos, nunca me aproximei de uma mulher.

14 de junho

Que profissão, a minha! Como foi possível que, de entre todos as carreiras possíveis, eu tenha escolhido a que menos me convém? Um médico tem de ser uma de duas coisas: ou um filantropo ou um ambicioso. A verdade é que houve um tempo em que pensei ser as duas coisas.

Tornou hoje a visitar-me uma pobre mulher, que chorava e suplicava o meu auxílio. Conheço-a há anos. Casada com um pequeno funcionário, mais ou menos quatro mil coroas por ano, e três filhos. Os filhos nasceram, sucedendo-se de perto, logo nos primeiros anos do casamento. Ela pôde então ter cinco ou seis anos de sossego; recobrou um pouco de saúde, juventude e vigor; logrou introduzir alguma ordem na sua vida familiar, e refazer-se um pouco das suas tribulações. O pão não abunda, sem dúvida. Mas a família parecia ter arranjado, apesar de tudo, maneira de se governar. E eis senão quando, de súbito, aqui está ela outra vez.

As lágrimas tornavam-lhe quase impossível falar.

Repeti-lhe, naturalmente, a lição do costume. Decorei-a, e recito-a sempre em ocasiões semelhantes. O meu dever de médico. O respeito pela vida, por mais frágil que seja.

Mostrei-me grave, inabalável. E ela acabou por ter de se ir embora — envergonhada, desconcertada, desesperada.

Tomei nota do caso. É o décimo oitavo do género que me aparece. E não sou ginecologista.